

Fipe e Dieese confirmam deflação no varejo

IPC de -0,16% e ICV de -0,26% divulgados ontem mostram preços em queda em São Paulo

MARCELO REHDER
e MÁRCIA DE CHIARA

Dois índices de preços divulgados ontem confirmam deflação no varejo em junho na cidade de São Paulo. O Índice de Preços ao Consumidor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (IPC-Fipe) fechou com queda de 0,16%, enquanto o Índice do Custo de Vida (ICV), medido pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), apresentou variação negativa ainda maior, de 0,26%. A taxa da Fipe é a mais baixa desde fevereiro de 2000 (-0,23%); no caso do ICV, é a menor variação desde novembro de 1998 (-0,34%), conforme antecipou ontem o Estado.

TARIFAS VÃO ELEVAR ÍNDICES NOS PRÓXIMOS MESES

O resultado surpreendeu e fez com que os técnicos dos dois institutos reduzissem suas projeções de inflação para este ano. A Fipe cortou em 0,5 ponto porcentual a estimativa para o IPC, de 9% para 8,5%. Já o Dieese, que esperava uma taxa de até 13%, agora acredita que o índice pode fechar em 10%.

"Estamos em um novo cenário de inflação", afirmou o coordenador do IPC-Fipe, Heron do Carmo. Segundo ele, a conjuntura dos preços hoje é totalmente diferente da registrada no fim do ano passado, marcado pelo cenário eleitoral que fez com que os índices de preços disparassem.

A queda dos índices reflete principalmente os efeitos da queda do dólar sobre os preços, o aumento da oferta de alimentos com a entrada da nova safra e a queda dos combustíveis, além da demanda retraída. A deflação, frisam os técnicos, deve se restringir a junho. Neste mês e no próximo, os índices voltarão a subir, por causa dos reajustes das tarifas de serviços públicos como energia elétrica e telefonia. A Fipe prevê uma taxa de 0,40% para julho e em torno de 1,2% para agosto. Por dife-

renças metodológicas, o impacto das tarifas sobre o ICV-Dieese deve concentrar-se em julho, quando a taxa deverá ficar em torno de 1%, de acordo com a coordenadora do índice, Cornélia Nogueira Porto. Passado o impacto das tarifas, tanto Cornélia quanto Heron prevêem que a inflação volte para níveis muito baixos, abaixo de 0,5% ao mês.

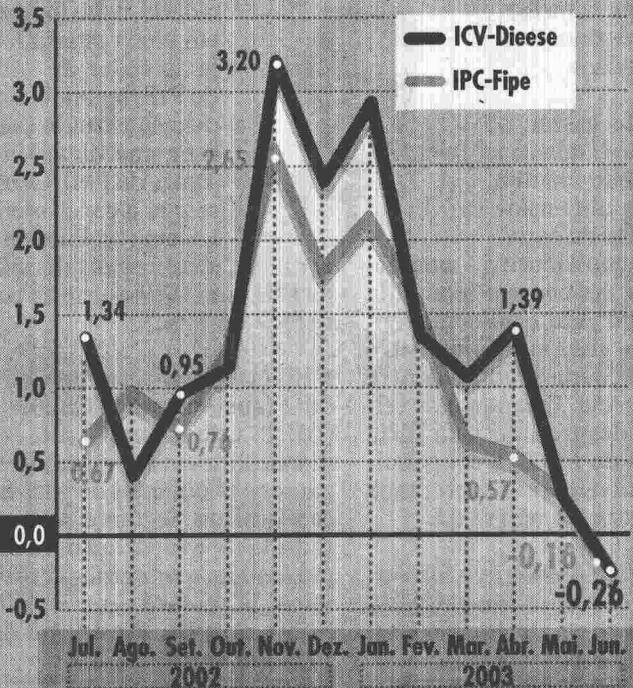
Na avaliação dos coordenadores dos dois institutos, esse movimento dá sinal verde para o Banco Central aprofundar o corte na taxa básica de juros (Selic). "Com a deflação, a taxa real de juros fica ainda mais elevada e isso afeta o lado real da economia, com efeitos na produção, no emprego e na dívida pública", diz o coordenador do IPC-Fipe, Heron do Carmo.

A coordenadora do ICV-Dieese, Cornélia Nogueira Porto, explica que a tendência para a taxa acumulada em 12 meses ainda é de queda. "Estamos com taxas em 12 meses elevadas porque o segundo semestre de 2002 foi o período mais crítico da inflação. À medida que nos distanciarmos deste período, a inflação acumulada será menor."

Mais informações na página 3

LADEIRA ABAIXO

Variação dos índices de preços em São Paulo (%)



Quanto variou cada grupo em junho (%)

ICV-Dieese	
Alimentação	-0,91
Habitação	0,79
Equipamento doméstico	-0,10
Transportes	-2,60
Vestuário	0,99
Educação e leitura	0,17
Saúde	1,15
Recreação	0,80
Despesas pessoais	0,58
Despesas diversas	2,92

IPC-Fipe	
Habitação	0,47
Alimentação	-1,35
Transportes	-0,95
Despesas Pessoais	0,23
Saúde	0,81
Vestuário	1,09
Educação	0,22

Itens com maiores altas e maiores quedas no IPC-Fipe

EM ALTA	EM BAIXA
Telefone celular (conta)	3,47%
Arroz	3,37%
Energia elétrica	2,74%
Dentista	2,73%
Contrato de assistência médica	1,42%
Tomate	-26,50%
Álcool combustível	-16,01%
Feijão	-9,11%
Frango	-6,55%
Gasolina	-3,68%

Fontes: Dieese e Fipe

Para analistas, é o sinal verde para cortar juro

A deflação no mês passado levou a taxa acumulada em 12 meses, tanto pelo IPC-Fipe quanto pelo ICV-Dieese, a recuar pela primeira vez neste ano. No caso do IPC, a variação até junho ficou em 14,22%, ante 14,74% no período anterior – a primeira queda desde setembro de 2002. No ICV, a taxa acumulada ficou em 17,28%, a menor desde fevereiro deste ano (16,42%).

Na avaliação dos coordenadores dos dois institutos, esse movimento dá sinal verde para o Banco Central aprofundar o corte na taxa básica de juros (Selic). "Com a deflação, a taxa real de juros fica ainda mais elevada e isso afeta o lado real da economia, com efeitos na produção, no emprego e na dívida pública", diz o coordenador do IPC-Fipe, Heron do Carmo.

A coordenadora do ICV-Dieese, Cornélia Nogueira Porto, explica que a tendência para a taxa acumulada em 12 meses ainda é de queda. "Estamos com taxas em 12 meses elevadas porque o segundo semestre de 2002 foi o período mais crítico da inflação. À medida que nos distanciarmos deste período, a inflação acumulada será menor."